

Instalações e equipamentos esportivos para treinamentos e competições em Ginástica Artística Feminina no Brasil

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37nesp215375>

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima*
Laurita Marconi Schiavon**

*Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

**Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Resumo

O sucesso esportivo é objeto central no esporte de alto rendimento, assim sendo, mantê-lo e atingi-lo se torna relevante para diferentes países. No entanto, para que o sucesso esportivo internacional seja atingido é necessário todo um processo estratégico. Assim, tendo em vista os fatores que podem influenciar tal sucesso esportivo destacamos o papel das instalações esportivas. A importância das instalações esportivas para a Ginástica Artística é constantemente ressaltada, para que os(as) atletas tenham condições adequadas com equipamentos e suportes diversos assegurando condições de segurança e progressão. Desta forma, o presente artigo teve como objetivo analisar as instalações esportivas específicas para a Ginástica Artística Feminina (GAF) no Brasil, apontando suas potencialidades, fragilidades e necessidades. Para tanto, foi realizada uma pesquisa mista de abordagem de Múltiplos Constituintes com 26 stakeholders (partes interessadas) da GAF no Brasil por meio de questionários. As Instalações Esportivas apareceram como um dos pilares mais importantes para o sucesso esportivo da GAF brasileira, embora tenha sido avaliada como um aspecto que requer atenção das autoridades com vista ao futuro. Apesar de observarmos pouco suporte para as ginastas brasileiras referentes as instalações esportivas, estes suportes representam os primeiros passos, mesmo que limitados, em prol da modalidade no país. Há necessidade de revê-los, melhorá-los e expandi-los, levando em consideração as peculiaridades e necessidades da modalidade em si, em termos de quantidade, qualidade, localidade, transparência, acesso e nível de prática de cada região do país.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica; Ginásios; Infraestrutura; Equipamentos.

Introdução

O esporte de alto rendimento, a partir de um olhar da gestão do esporte, pode ser definido como um sistema organizacional, econômico e político complexo¹. O fenômeno do esporte moderno de alto rendimento é marcado por diversos interesses, sendo este um elemento de comunicação e econômico global, se tornando cada vez mais um importante vetor de questões políticas¹.

O sucesso esportivo é objeto central do esporte de alto rendimento, logo alcança-lo e mantê-lo representam o objeto mais relevante por diferentes países. Estar entre os(as) melhores de uma modalidade esportiva, trazer conquistas para seu país, bater marcas, sejam elas pessoais, nacionais e/ou internacionais, transcendem as aspirações e

ações dos(as) próprios(as) atletas e treinadores(as).

Nesse sentido, várias ações e conhecimentos devem ser levados em consideração, visto que o esporte de alto rendimento é dinâmico e muitas vezes não reflete o desenvolvimento e o apoio de uma modalidade esportiva no país, principalmente por ser um fenômeno complexo, sociocultural, de múltiplas possibilidades e sofrer influências de variáveis difusas²⁻⁴. Dessa forma, para que o sucesso esportivo internacional seja atingido é necessário todo um processo estratégico, sendo este organizacional, econômico e político^{1,5}.

Tendo em vista os fatores que podem influenciar o tão almejado sucesso esportivo internacional, diversos estudos comparativos foram realizados

com o objetivo de analisar as políticas esportivas desenvolvidas por diferentes países para atingir o sucesso esportivo internacional^{1,6-8}. Nesse contexto, o consórcio liderado pela professora Veerle De Bosscher denominado *Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success* (Fatores de Política Esportivas que levam ao Sucesso Esportivo Internacional) (SPLISS) foi inovador ao se basear na revisão de literatura e no conhecimento de *stakeholders* (partes interessadas), e utilizar métodos mistos para comparar e analisar as políticas esportivas desenvolvidas por governos nacionais.

O modelo SPLISS aponta que todos os fatores que podem ser influenciados pelas políticas se enquadram em nove pilares, tendo este o(a) atleta como foco por ser o(a) stakeholder central do sistema do esporte de alto rendimento⁹. Este modelo é pautado em nove pilares (pilar 1 - suporte financeiro, pilar 2 - governança, organização e estrutura de políticas para o esporte, pilar 3 - participação e esporte de base, pilar 4 - sistemas de identificação e desenvolvimento de talentos, pilar 5 - suporte para atletas e pós-carreira, pilar 6 - instalações esportivas, pilar 7 - desenvolvimento e suporte para treinadores(as), pilar 8 - competições nacionais e internacionais e pilar 9 - pesquisa e inovação) e é um modelo geral para políticas esportivas internacionais¹⁰. Ainda concernente aos pilares do modelo, cada um é composto por um número de indicadores com seus respectivos Fatores Críticos de Sucesso, sendo elementos cruciais para uma maior chance de sucesso e descrevendo os processos e as atividades necessárias para assegurá-lo^{11,12}.

Os nove pilares estão situados em entrada (*input*) e em processo (*throughput*) levando aos resultados/sucesso, saída (*output*). No modelo SPLISS, as Instalações Esportivas são representadas pelo pilar 6, que está relacionado aos centros e instalações de treinamento destinados ao alto rendimento e ao treinamento de base, ou seja, à coordenação e ao planejamento nacional destas instalações e à rede de instalações nacionais e regionais de qualidade¹³. Tal pilar foi o foco central de análise da presente pesquisa no que versa uma modalidade esportiva específica, a Ginástica Artística Feminina (GAF).

Método

A abordagem metodológica adotada para este trabalho foi de caráter misto do tipo exploratório-

NOGUEIRA e colaboradores¹⁴, referindo-se sobre a importância das instalações esportivas para o sucesso esportivo internacional, apontam que “Para algumas modalidades, essa estrutura é vital para o alcance de melhores resultados, sobretudo nas modalidades em que há influência da tecnologia na construção dos implementos ou dos aparelhos, como ginástica artística, esgrima, salto com vara, ciclismo, vela, tiro, entre outros” (p.186)¹⁴.

Para mais, diversos autores ressaltam a importância das instalações esportivas para a Ginástica Artística (GA), com aparelhos oficiais e auxiliares adequados, assegurando condições de segurança e progressão, visto as características da própria modalidade¹⁵⁻¹⁹.

A importância de se fornecer acesso as instalações esportivas para atletas de alto rendimento para que estes(as) tenham condições adequadas a qualquer momento, com equipamentos adequados e suportes diversos é percebida por diversos países¹³. Ademais, DE BOSSCHER e colaboradores¹³ observaram a existência de uma relação entre as instalações esportivas e o sucesso esportivo, em que pontuações altas relacionadas ao pilar 6 estão significativamente relacionadas com o sucesso esportivo internacional nos esportes de verão.

Neste contexto, países menores geograficamente, podem ter vantagem competitiva, pois, as dificuldades com tempo de deslocamento e a complexidade do gerenciamento e coordenação destas instalações são diminuídas¹³. Assim, o Brasil pela sua característica continental, teria maiores dificuldades neste gerenciamento. No entanto, alguns países continentais e de grande dimensão territorial como Austrália e China obtiveram sucesso na organização de seus centros de treinamentos¹³, mostrando a possibilidade de uma gestão de instalações efetiva a partir de planos e ações estratégicas adequadas.

Tendo em vista o cenário apresentado e a relevância das instalações esportivas para o sucesso esportivo internacional, o presente artigo teve como objetivo analisar as instalações esportivas específicas para a GAF no Brasil, apontando suas potencialidades, fragilidades e necessidades, na perspectiva de sistematizar e fornecer informações estratégicas para o desenvolvimento da GAF brasileira.

descritivo. A presente investigação foi composta por uma pesquisa de campo com questionários

estruturados com questões abertas e fechadas²⁰. Os resultados aqui expostos fazem parte de uma pesquisa ampla intitulada “Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da Ginástica Artística Feminina brasileira”, em que neste artigo são apresentados e discutidos resultados referentes especificamente ao pilar 6 - instalações esportivas. Informações referente aos demais pilares podem ser encontrados com mais detalhes na pesquisa de LIMA²⁶.

Analisou-se informações referentes à modalidade dos ciclos olímpicos de 2009-2012, 2013-2016 e 2017-2020 por estes englobarem um ciclo anterior aos Jogos Olímpicos ocorridos no Brasil/Rio 2016 (2009-2012), o ciclo dos JO no Brasil (2013-2016) e um ciclo posterior a este evento ocorrido no país (2017-2020). A partir desses princípios os critérios de inclusão para os(as) participantes desta pesquisa foram:

- Gestores(as) nacionais: Presidentes da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) no período de 2009 a atual (últimos 3 ciclos olímpicos).
- Gestores(as) estaduais: Presidentes da Federação Paranaense de Ginástica (FPRG), da Federação de Ginástica do estado do Rio de Janeiro (FGERJ), da Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS) e da Federação Paulista de Ginástica (FPG) no período de 2009 a atual (últimos 3 ciclos olímpicos).
- Comitê Técnico Estadual: Coordenadores(as) do Comitê Técnico de GAF da FPRG, FGERJ, FGRS e da FPG no período de 2009 a atual (últimos 3 ciclos olímpicos).
- Comitê Técnico Nacional: Coordenadores(as) do Comitê Técnico de GAF da CBG no período de 2009 a atual (últimos 3 ciclos olímpicos).
- Árbitros(as): internacionais brasileiros(as) do PR, RJ, RS e SP na categoria 2 e 3 do ciclo olímpico vigente com experiência em ciclos anteriores.
- Treinadores(as) de GAF: de clubes/instituições em que ginastas participantes de Jogos Olímpicos foram formadas ou treinaram durante seu período de preparação para o mesmo.
- Pesquisadores(as): que estudem a GA e que tenham entendimento sobre o desenvolvimento da modalidade no país.
- Ginastas: participantes de no mínimo um Jogos Olímpicos na modalidade no período analisado e ainda estarem na ativa (2009 a atual).

Esta pesquisa envolveu uma abordagem de Múltiplos Constituintes (*Multiple-constituency*

Approach)²¹, em que se analisa dados/percepções de diferentes fontes/constituintes, neste caso gestores(as), treinadores(as), árbitros(as), ginastas e pesquisadores(as), envolvidas e relevantes para a temática abordada. Optou-se, nesta ocasião, por investigar as federações de ginástica dos seguintes estados brasileiros: Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, por estas terem sido apontadas em pesquisas anteriores^{22,23} como as mais representativas do país em campeonatos nacionais e internacionais, em termos de número de participantes, entidades e resultados esportivos. Sendo assim, retratados os estados com maior representatividade de ginastas internacionalmente e nacionalmente da modalidade. Desta forma, 32 participantes foram convidados(as) para participarem da pesquisa e 26 participaram efetivamente de todas as fases (81,25%).

Ademais, a pesquisa foi composta por duas fases distintas com uso de questionário *on-line*, via plataforma *@GoogleForms*, o qual foi enviado para todos(as) os(as) participantes da pesquisa. A fase 1 consistiu na aplicação de um questionário com três questões abertas, sendo estas utilizadas para analisar a percepção dos(as) participantes acerca de fatores relevantes para o sucesso da GAF, questões que permitiram os(as) participantes expressarem suas opiniões sem serem previamente influenciados pelos fatores do modelo SPLISS, possibilitando o surgimento de diferentes categorias, que não foram abordadas pelo modelo e que podem ser específicas da modalidade no país.

A segunda fase consistiu na aplicação de um questionário com perguntas fechadas, utilizando a escala tipo *Likert* de cinco pontos, para estabelecer a relevância dos nove pilares do SPLISS e dos seus respectivos indicadores no contexto da GAF brasileira. Para a escala *Likert* foi utilizada a variação de (1) não importante, (2) pouco importante, (3) moderadamente importante, (4) importante e (5) muito importante. Reforçamos que para esta pesquisa foram utilizados apenas os dados referentes ao pilar 6.

Os dados qualitativos (Fase 1) foram tratados pela técnica de análise de conteúdo definida por BARDIN²⁴. Já os dados quantitativos (Fase 2) foram tratados pela estatística descritiva, a qual apresenta, analisa e interpreta os dados numéricos por meio de quadros, gráficos e indicadores numéricos²⁵. Tendo em vista minimizar os erros da pesquisa, os dados qualitativos (Fase 1) e quantitativos (Fase 2) foram confrontados para validade e reprodutibilidade dos dados.

Resultados

Os dados qualitativos obtidos na fase 1 da pesquisa são apresentados nos QUADROS 1, 2 e 3. Com respostas específicas referentes às instalações esportivas (pilar 6) no que tange às seguintes questões: Na sua perspectiva, quais são os cinco fatores mais importantes que contribuem para o sucesso internacional

da Ginástica Artística Feminina? Quais são os três principais pontos fortes do Brasil que contribuem para o sucesso internacional da Ginástica Artística Feminina brasileira? Quais são os três principais pontos fracos do Brasil que dificultam o sucesso internacional na Ginástica Artística Feminina brasileira?

QUADRO 1 - Fatores elencados pelos participantes da pesquisa relacionados ao pilar 6.

Participante	Fator elencado
P1	“Material desportivo de alta qualidade”
P2	“Democratização da infraestrutura física”
P4	“Incentivar a criação de centros de GA nas cidades das Regiões: Norte Nordeste”. “Custo do Material para a prática da GAF”
P5	“Estrutura (local de treinos)”
P6	“Estrutura Física, espaço apropriado”. “Aquisição de equipamentos”
P9	“Estrutura de trabalho (instalações, equipamento, suporte técnico complementar)”
P11	“Infraestrutura (Ginásios bem equipados e equipe multidisciplinar)”. “Local de treinamento”
P12	“Estrutura física”
P14	“Equipamentos de qualidade e espaço dedicado a prática da GA”
P15	“Estrutura física para desenvolver o trabalho de alto rendimento suficiente, bem como equipe multidisciplinar”
P17	“Ginásio altamente equipado”
P19	“Estrutura”
P20	“Infraestrutura de equipamentos para treinamentos”
P21	“Segurança”
P25	“A criação do centro de excelência, com toda equipe de apoio, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas”

QUADRO 2 - Pontos fortes do Brasil na GAF elencados pelos participantes da pesquisa relacionados ao pilar 6.

Participante	Fator Forte elencado
P8	“Alguns CTs bem estruturados”
P11	“Locais equipados com equipamentos oficiais”
P12	“Alguns polos com estrutura física de ponta para atender às demandas do alto rendimento. Mesmo que sejam poucos, esses centros de treinamentos possuem estrutura de ponta para atender as atletas da seleção brasileira.”
P17	“Centro de treinamento”
P19	“Estrutura de ginásio e aparelhos”
P20	“Equipamentos importados espalhados pelo Brasil”
P24	“Estrutura do clube”

QUADRO 3 - Pontos fracos do Brasil na GAF elencados pelos participantes da pesquisa relacionados ao pilar 6.

Participante	Fator Fraco elencado
P1	“[ausência de] Locais adequados para o alto rendimento”
P4	“Falta de material adequado para a prática da GAF em todo País”
P6	“Falta de aproveitamento do Legado Olímpico, Estrutura e material”
P7	“Poucos centros de treinamento”
P8	“Alto custo dos equipamentos e dificuldades de importação dos mesmos”
P9	“Baixíssimo investimento em equipamentos na maioria dos centros de treinamento de ginástica artística, com raríssimas exceções”
P11	“Poucos centros de treinamentos com equipamentos oficiais e centrados somente em alguns estados”
P13	“Falta de investimentos em infraestrutura. Temos menos de 10 bons ginásios em um país tão grande territorialmente”
P14	“Estruturas, em muito ginásios, velhas e precárias”
P25	“A falta de equipamento adequado em alguns locais de treinamento”

Na TABELA 1 são apresentados os dados obtidos a partir da escala *Likert* para este pilar, demonstrados por meio da média e desvio padrão. Os indicadores 6.1, 6.2 e 6.3 representam indicadores que sustentam e viabilizam o pilar 6 determinados pelo modelo

SPLISS e, neste caso, adaptados ao contexto específico da GAF, que, a partir da escala *Likert* foram estabelecidas suas respectivas relevâncias/contribuições para o sucesso esportivo internacional da GAF brasileira na perspectiva de seus principais stakeholders.

TABELA 1 - Indicadores do pilar 6 para o sucesso esportivo internacional.

PILAR 6	Média	Desvio Padrão
6.1. Planejamento nacional em que os ginásios e suas condições por todo o país são registrados, assim como as necessidades de ginastas e treinadores(as) mapeadas	4,46	0,69
6.2. Centros de treinamento espalhados pelo país em que as ginastas possam treinar em condições apropriadas	4,69	0,72
6.3. CBG, Federações e clubes receberem recursos para renovar e construir instalações esportivas para a GAF de participação e de alto rendimento	4,30	1,02

Discussão

Ao observarmos as ações e tomadas de decisões da Confederação Brasileira de Ginástica e suas parcerias em prol da Ginástica Artística Feminina no país, com base no relato dos(as) participantes e demais documentos analisados²⁶, observamos que muitas das ações, específicas para a modalidade, se deram no âmbito das Instalações Esportivas.

As Instalações Esportivas apareceram como um dos pilares mais importantes para o sucesso esportivo da GAF brasileira²⁶. A relevância deste pilar pode ser observada em diversos pontos elencados pelos(as) participantes sobre os fatores que contribuem para o sucesso internacional da GAF e que foram apresentados no QUADRO 1.

No entanto, os dados obtidos dos(as) participantes no país para a GAF, apontam que não temos “Locais adequados para o alto rendimento” (P1), há “Falta de material adequado para a prática da GAF em todo País” (P4), “Falta de aproveitamento do Legado Olímpico, Estrutura e material” (P6), há “Poucos centros de treinamento” (P7), “Alto custo dos equipamentos e dificuldades de importação dos mesmos” (P8), “Baixíssimo investimento em equipamentos na maioria dos centros de treinamento de ginástica artística, com raríssimas exceções” (P9), “Poucos centros de treinamentos com equipamentos oficiais e centrados somente em alguns estados” (P11), “Falta de investimentos em infraestrutura. Temos menos de 10 bons ginásios em um país tão grande territorialmente” (P13), “Estruturas em muito ginásios velhas e precárias” (P14) e “A falta de equipamento adequado em alguns locais de treinamento” (P25) (QUADRO 3).

Tendo em vista os dados analisados, o Pilar 6 se mostrou um ponto fraco da modalidade no país, o que não foi observado apenas para esta modalidade particularmente, mas para o contexto de todo o país^{9,26,27}.

Na pesquisa realizada do SPLISS 2.0, em que o Brasil está incluído, foram encontradas baixas pontuações relacionadas às instalações esportivas.

[...] as baixas pontuações do Brasil podem ser explicadas pela falta de um planejamento estratégico nacional sobre o uso de instalações esportivas para atletas de alto rendimento e desenvolvimento de talentos. Apesar do fato de muitas instalações esportivas terem sido construídas ou melhoradas pelo país sediar eventos internacionais nas últimas décadas, não há um centro nacional de treinamento e as instalações esportivas de ponta são utilizadas com mais frequência para eventos e entretenimento do que para seu objetivo principal. Há pouca colaboração entre as diferentes Organizações Esportivas Nacionais nas instalações, nem qualquer tipo de coordenação nacional. No nível das categorias de base, as instalações esportivas no Brasil também são subdesenvolvidas¹³ (p. 265, tradução nossa).

Ademais, dos 15 países analisados no SPLISS 2.0,

O Brasil é o único país onde não existem centros nacionais específicos de treinamento para o alto rendimento. Embora exista uma variedade de

instalações esportivas multifuncionais de alto rendimento e, apesar da disponibilidade de algumas instalações de alto padrão, as instalações são um legado dos Jogos Pan-americanos realizados em 2007. No entanto, há 18 modalidades que possuem centros de treinamentos específicos para o esporte de alto rendimento gerenciados por seus respectivos Órgãos Esportivos Nacionais e, também existem outros centros de treinamento, geralmente de iniciativas privadas ou pontuais fornecidos pelos governos regionais¹³ (p. 270-271, tradução nossa).

Algumas situações nos quesitos abordados, claramente, foram modificadas pela realização e legado de eventos posteriores aos Jogos Pan-americanos de 2007, como os Jogos Olímpicos (JO) do Rio 2016. Para mais, dentre as 18 modalidades citadas por De Bosscher e colaboradores¹³, a GAF se enquadrava entre elas, como apontado por MAZZEI e AMARAL²⁸, ao relatarem que em pesquisa realizada entre 2009 e 2010 a CBG foi uma das Confederações Nacionais de esportes olímpicos no Brasil que possuía centros de treinamento.

Primeiramente, é necessário apontar falta de registros formais das instalações esportivas de alto rendimento no país e para a própria GAF (TABELA 1 - indicador 6.1). MAZZEI e AMARAL²⁸ apontam que:

Após a análise documental realizada nas fontes oficiais dos órgãos gestores do esporte de alto rendimento no Brasil e nos demais documentos relacionados à temática, constatou-se que não existe, pelo menos em termos práticos, um plano nacional com instalações e centros esportivos catalogados, assim como não existem pesquisas que buscaram identificar as necessidades de atletas e treinadores quanto ao acesso, ao deslocamento e às instalações esportivas para treinamento (p. 202).

Além do mais, os mesmos autores enfatizam a inexistência de informações acerca das características, localização e gerenciamento das instalações esportivas no Brasil. Para mais, “[...] o fato de as informações a seu respeito não serem disponibilizadas, efetivamente compromete seu acesso por parte de atletas e treinadores”²⁸ (p. 202).

O mesmo cenário é observado para GAF, em que em sua maioria, os dados disponibilizados, sobretudo pela CBG, órgão responsável pela modalidade no país, não são realizados de forma efetiva e que possibilite acesso e planejamento para ginastas e treinadores(as). Em último

relatório (2019) apresentado ao Comitê Olímpico do Brasil (COB), disponibilizado no Portal da Transparência, a CBG disponibilizou um mapa dos centros de treinamento de alto rendimento das modalidades gímnicas olímpicas sobre sua jurisdição (FIGURA 1).

Apesar deste ser um primeiro passo necessário e

relevante para registro dos centros de treinamento das modalidades no país, ainda há necessidade de divulgação e disponibilidade de informações relevantes sobretudo acerca das características, gerenciamento e acesso a esses centros de treinamento, assim como profissionais capacitados(as) que atuem nos Centros de Treinamento (CTs).



Fonte: Portal da Transparência²⁹.

FIGURA 1 - Mapa dos centros de treinamento de alto rendimento de modalidades gímnicas olímpicas.

Uma das primeiras ações por parte da CBG para a GAF começou em meados dos anos 1995, se concretizando em 2001 com a criação de uma seleção permanente da modalidade e do primeiro CT do país para GAF. Em 1995, a CBG com apoio do COB e do governo do estado do Paraná deu início ao planejamento de um CT de alto rendimento especificamente para a GA, em que sua execução teve início em meados de 1997³⁰. Juntamente com o planejamento de construção deste CT, foram contratados treinadores(as) estrangeiros(as) de renome para elaboração e início de uma seleção permanente da modalidade no país nos moldes soviéticos^{18,30,31}.

Desta forma, no período de 2001 a 2008, as melhores ginastas do país passaram a treinar de forma centralizada no CT de Curitiba. Este regime de treinamento perdurou cerca de dois ciclos olímpicos no país para a modalidade. O sucesso

subsequente da GAF brasileira neste período, entre eles a classificação de equipes completas para os JO de 2004 e 2008, foi atribuído as instalações esportivas do CT e à centralização das ginastas, consolidando um trabalho e planejamento a longo prazo^{18,30}.

A construção do CT de Curitiba foi um marco para a modalidade no país, e claramente só pode ser idealizado por maior aporte financeiro para a modalidade, sobretudo advindo da Lei Agnelo/Piva³², sendo uma das poucas modalidades esportivas no Brasil com um CT neste período, como apontado por MAZZEI e AMARAL²⁸. Na época, o CT de Curitiba “[...] se converteu no melhor espaço de treinamento nacional [...]. Sem concorrência à altura, tornou-se em poucos anos o principal local de treinamento de alto rendimento do Brasil”³³ (p. 91). Vale destacar que todas as ginastas brasileiras participantes de JO no período de 1980 a 2004 “[...] passaram em algum momento por condições que não eram as ideais,

muitas vezes podendo ser consideradas condições precárias de treinamento, se comparadas às condições do Centro de Treinamento de Curitiba¹⁸ (p. 759).

O CT de excelência de Curitiba possui área de cerca de 4,5 mil m² com instalações esportivas de ponta para a modalidade, dispondo neste período de equipamentos oficiais e auxiliares, equipe multidisciplinar e coordenadores específicos para as demandas das ginastas^{30,34}.

Contudo,

Problemas relacionados à rigidez do treinamento, ao overtraining e ao desenvolvimento não equitativo da modalidade nas diferentes regiões do país são algumas das críticas que emergiram durante e, principalmente, após o término do ciclo Olímpico 2005-2008 que coincidiu, também, com o fim do regime de concentração da seleção³⁰ (p. 379).

Assim, a partir do ano de 2009, a GAF não mais ocorreu de forma centralizada (seleção permanente) e o CT de Curitiba passou a ser utilizado por ginastas da Federação Paranaense de Ginástica (FPRG) por estas instalações pertencerem ao estado do Paraná^{35,36}.

De certo, o aumento dos recursos financeiros da CBG viabilizou ações e planos de curto e longo prazo que contribuíram, não só nesse período como no subsequente, com o aprimoramento técnico da GAF e suporte para ginastas da modalidade no país. “Saímos de um total amadorismo na década de 80 e início dos anos 90, para uma melhor organização da modalidade que só foi possível através do aumento dos recursos financeiros destinados à modalidade pelos órgãos públicos e patrocinadores³⁷ (p. 308).

Tendo em vista o sistema “descentralizado” da GAF no período subsequente, diferentes planos e ações estratégias foram necessárias e de certa forma foram enxergadas e trabalhadas pela CBG e suas parcerias e, apesar de não serem as ideais e necessitarem de reformulações foram passos iniciais dados por esta instituição que merecem ainda muitas reflexões.

Uma dessas ações da CBG para a modalidade se deu em parceria com o Ministério do Esporte (ME) por meio do convênio n° 751781/2010. Como processo de preparação para os JO do Rio 2016, em 2014 a CBG por meio deste convênio adquiriu aparelhos homologados pela FIG e que foram distribuídos no decorrer de 2015 para diversos

estados brasileiros^{22,38}, para CT já existente e/ou para novos CTs³³. Sete estados brasileiros foram contemplados com esta aparelhagem para a GAF e hoje formam também os Centros Regionais (6) e o Centro Nacional (1) de treinamento da modalidade no país como demonstrado na FIGURA 1, sendo eles: Distrito Federal, Pará, Paraná, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Sergipe^{29,38}. Tal feito foi visto como um ponto positivo do Brasil apontado pelos(as) participantes: “Locais equipados com equipados oficiais” (P11) e “Equipamentos importados espalhados pelo Brasil” (P20).

Todavia, critérios de seleção para distribuição dos aparelhos oficiais não foram claros - critérios técnicos de certo não foram utilizados^{22,33}, problemas referentes à utilização desta verba foram apontados pela Controladoria-Geral da União (CGU)³⁹ e não são divulgados dados de forma clara e concisa pela CBG, como: as características desses centros, seu gerenciamento e critérios de utilização dessas instalações. Estas informações não são disponibilizadas de forma efetiva e de certo comprometem sua utilização.

Independentemente da quantidade, o problema é a ausência de informações sobre as características estruturais, localização e gestão dos centros de treinamento identificados, informações que são essenciais para um plano nacional e é um dos fatores críticos do Pilar 6. Sem esse conhecimento, as necessidades das equipes e dos treinadores dificilmente serão atendidas²⁸ (p. 204).

Referente aos critérios de distribuição destes aparelhos oficiais, não foram encontrados critérios divulgados pela CBG para tal, o que levou a diversas críticas^{22,33}. Porém, ao analisarmos os estados contemplados, podemos observar uma aparente estratégia de distribuí-los para diferentes regiões do país (FIGURA 1), em que observamos um CT na Região Norte do país (Belém), dois na Região Nordeste (Aracajú e Natal), um na Região Centro-Oeste (Brasília), um na Região Sudeste (Rio de Janeiro) e dois na Região Sul (Curitiba e Porto Alegre).

No entanto, retomando discussões iniciadas por LIMA²² e BORTOLETO e SCHIAVON³³, observamos que de fato não foram utilizados critérios plausíveis, como os técnicos, e as ações se mostram inadequadas se observarmos o panorama competitivo da GAF brasileira. Localidades e regiões sem expressão na modalidade no cenário nacional

foram contempladas, e sequer possuem, até então, condições adequadas para seu desenvolvimento como: programas de desenvolvimento, profissionais qualificados e cultura da modalidade^{22,33}.

Ao analisarmos o cenário competitivo brasileiro da GAF nos últimos nove anos (2011 a 2019), tomando como base os Campeonatos Brasileiros em todas as categorias, observamos apenas 4 participações da Região Norte, que foi contemplada com um CT, 12 da Região Nordeste, que foi contemplada com dois CTs, sendo que um dos estados contemplados (RN) sequer participou deste

evento e o outro (SE) participou com apenas uma ginasta em um período de nove anos (FIGURA 2). Na Região Centro-Oeste, contemplada com um CT, tivemos 74 participações, sendo que as participações até o ano de 2016 foram todas no nível B, existente na época para as categorias Pré-Infantil, Infantil e Juvenil, mais simplificado e com menor nível técnico (FIGURA 2). A Região Sul foi contemplada com dois CTs, tendo 371 participações nestes nove anos de Campeonato Brasileiro e, por fim, a Região Sudeste com 1332 participações, contemplada apenas com um CT (FIGURA 2).

Categoria	Estado	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total	
Região Norte	AM	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	
	PA	2	-	-	-	-	-	-	-	1		
Região Nordeste	Pré-Infantil	PE	-	-	-	3	2	2	-	-	3	12
	Juvenil	SE	-	-	-	-	-	-	-	1		
	Adulto	CE	-	-	-	-	1	-	-	-		
Região Centro-Oeste	Pré-Infantil	DF	4	2	4	4	1	2	1	3	5	74
		GO	6	3	-	-	-	-	-	-	-	
		MS	-	-	3	2	-	-	-	-	-	
	MT	-	1	3	-	-	-	-	-	-		
	Infantil	DF	-	-	5	5	-	3	-	2	-	
		GO	-	3	3	-	-	-	-	-	-	
	Juvenil	MS	2	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Adulto	DF	1	-	-	-	2	2	-	-	-	
Adulto	DF	-	-	1	-	-	-	-	-	-		
Região Sudeste	Pré-Infantil	MG	7	7	6	6	4	4	13	6	6	1332
		RJ	20	17	7	5	6	6	14	16	11	
		SP	36	29	23	24	31	28	33	11	23	
	Infantil	MG	8	2	11	11	7	5	5	4	6	
		RJ	17	16	15	13	6	8	8	7	9	
		SP	46	48	38	36	36	22	32	15	21	
	Juvenil	MG	4	-	-	7	6	2	2	2	2	
		RJ	7	13	10	14	5	13	7	7	8	
		SP	30	30	16	30	30	13	15	17	8	
	Adulto	MG	-	-	-	-	-	-	1	1	2	
		RJ	5	8	8	9	6	6	6	9	8	
		SP	13	17	14	9	14	16	15	7	10	
Região Sul	Pré-Infantil	PR	6	5	-	5	2	-	6	4	2	371
		RS	3	3	2	5	9	8	7	15	5	
		SC	1	-	2	1	-	2	5	-	-	
	Infantil	PR	5	13	4	3	4	6	4	4	6	
		RS	6	7	-	3	7	8	9	5	13	
	Juvenil	SC	3	-	-	1	-	1	-	-	-	
	Adulto	PR	4	7	7	4	6	6	6	2	5	
		RS	3	7	2	2	-	1	2	3	4	
		SC	5	-	-	-	-	-	-	-	-	
Adulto	PR	6	6	6	7	7	7	8	6	3		
Adulto	RS	3	5	3	2	4	2	1	4	6		

Fonte:
Confederação
Brasileira de
Ginástica (CBG)⁴⁰.

FIGURA 2 - Número de ginastas participantes de Campeonatos Brasileiro no período de 2011 a 2019 por Região e Estado do Brasil.

Tendo em vista o panorama geral apresentado e a disparidade de números referente às participações e às regiões, os estados e as cidades contemplados, há um desequilíbrio claro, o que nos leva mais uma vez a questionar os critérios utilizados. Que critérios foram utilizados? Houve um planejamento adequado para essa distribuição?

Sabemos da necessidade de termos CTs em todas as regiões do país, principalmente pelo Brasil se tratar de um país continental, mas estas têm de ser ações a longo prazo, pois ainda as principais regiões competitivas e com maior número de participação em Campeonatos Brasileiros (Sul e Sudeste) carecem de instalações esportivas adequadas como apontado por participantes “Estruturas em muito ginásios velhas e precárias” (P14) e “A falta de equipamento adequado em alguns locais de treinamento” (P25).

Tais apontamentos corroboram os achados de LIMA e colaboradores⁴¹, que ao analisarem as instituições do interior do estado de São Paulo, revelam instalações esportivas comprometidas, em que instituições que trabalham o nível competitivo sequer possuem aparelhos oficiais da modalidade, apontando carência tanto de materiais oficiais como auxiliares. O mesmo foi observado por SILVA⁴² na cidade de Curitiba, apontando ausência de instalações esportivas adequadas para o desenvolvimento da modalidade em toda a cidade, com concentração de materiais adequados em um único local, com poucos locais para a prática e, em sua maioria, com apenas materiais básicos e espaço limitado.

A aquisição de aparelhos para a GA envolve um investimento financeiro significativo, fazendo com que muitos ginastas, sobretudo de prefeituras e órgãos não privatizados treinem em condições aquém das ideais^{41,43}. Nesse sentido, P8 aponta que um dos pontos fracos que dificultam o desenvolvimento da modalidade nos países é o “Alto custo dos equipamentos e dificuldades de importação dos mesmos”.

No caso das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, estas carecem de passos anteriores à aquisição de aparelhos oficiais de alta tecnologia da modalidade. Necessitam de ações condizentes com seu nível de desenvolvimento, como a própria capacitação de profissionais, investimento em profissionais que possam desenvolver estas

regiões, locais adequados para prática com materiais suficientes para uma boa condição de desenvolvimento de categorias de base da GA, em diversos locais do estado e não apenas concentrado em uma cidade. Não estamos defendendo que não tenha investimento nestas localidades, mas que tenha planejamento de ações para realmente desenvolver estas regiões. A promoção de eventos de massificação nos estados destas regiões, promovendo a GA e desenvolvendo a cultura deste esporte nessas localidades, para que assim, em longo prazo, estes aparelhos sejam efetivamente necessários e tenham sua finalidade adequada^{22,33}. Da forma como foi feito, é possível dizer que foi um recurso mal empregado, pois ainda não havia desenvolvimento suficiente em nível competitivo nestas regiões/localidades para o uso destes aparelhos de alto rendimento esportivo.

Entendemos, portanto, que é preciso aperfeiçoar o planejamento estratégico para ações que desenvolvam a prática da GA em todos os seus níveis, que atenda as distintas regiões de um país de dimensões continentais respeitando suas particularidades. Logo, as decisões das entidades gestoras (Ministério dos Esportes, COB, CBG, federações estaduais) precisam apresentar publicamente critérios claros que justifiquem a distribuição dos recursos (equipamentos, bolsas, competições, cursos etc.), e sua contribuição/vinculação com um plano estratégico em longo prazo³³ (p. 98).

Alguns dos problemas, além dos aqui apontados, referente ao convênio n° 751781/2010 foram percebidos e encaminhados pela própria Controladoria-Geral da União como: equipamentos estocados em galpões por carência de espaço físico, pagamentos duplicados e ausência de comprovantes de despesas^{39,44}. Em relatório de fiscalização a CGU⁴⁴ apontou a ausência de espaço físico pronto para receber aparelhos de ginástica destinado ao estado de Sergipe, mesmo tendo se passado 48 meses da aquisição dos aparelhos naquele momento e, que o termo de comodato para tal só foi firmado após a CBG tomar ciência do registro feito pela própria CGU (FIGURA 3).

2.2.1. Ausência de espaço físico pronto para receber aparelhos de ginástica.**Fato**

Os aparelhos oficiais para ginástica artística, rítmica e de trampolim adquiridos em fevereiro de 2014 serão distribuídos para Centros de Ginástica localizados em treze Estados. De acordo com a documentação disponibilizada pela CBG, em sete Estados já foram firmados termos de comodato com as federações de ginástica no intuito de estas entidades, sob determinadas condições, utilizarem os aparelhos oficiais no treinamento de atletas.

Constatou-se, entretanto, que os equipamentos destinados a Sergipe, para treinamento de atletas das modalidades de ginástica artística e rítmica, estão armazenados em galpão localizado em Aracaju/SE enquanto se aguarda a conclusão da infraestrutura necessária do imóvel onde serão instalados, embora a celebração do Convênio tenha ocorrido em 28 de dezembro de 2010 e os equipamentos tenham sido adquiridos a partir de contrato firmado em janeiro de 2014. Dos termos de comodato disponibilizados pela CBG, não consta nenhum com a Federação Sergipana de Ginástica. Seguem registros fotográficos coletados durante a inspeção realizada em 16 de outubro de 2014:



Fonte:
Controladoria Geral
da União (CGU)⁴⁴.

FIGURA 3 - Parte do Relatório de Fiscalização da Controladoria - Geral da União em relação ao convênio nº 751781/2010.

Tendo em vista o apontado, a CGU⁴⁴ concluiu que “[...] a aplicação dos recursos federais não está adequada e exige providências de regularização por parte dos gestores federais, em especial quanto à disponibilização dos equipamentos para utilização pelos atletas” (p. 6). Mais uma vez observamos a falta de profissionalismo da gerência da modalidade no país e, sobretudo, a ausência de planos estratégicos efetivos em longo prazo.

Outro problema apontado e previamente discutido no que se refere aos CTs, foi a falta de registros formais de tais instalações. Não nos referindo apenas aos registros formais propriamente ditos, mas também a divulgação de tais informações. Muitas lacunas são apontadas e poderiam ser resolvidas por transparência de dados e sobretudo por uma melhor e maior comunicação por parte dos meios de divulgação da CBG e não apenas com divulgações esporádicas e seletivas.

Observamos que há CTs espalhados pelo

país (TABELA 1 - indicador 6.2), contudo não sabemos suas reais condições de treinamento para o alto rendimento, nível este dos equipamentos entregues. Certamente a compra de aparelhagem de alto rendimento esportivo para o Brasil é uma excelente ação, porém, não é suficiente, se não houver ações paralelas a este movimento, para que isso realmente se efetive e a população possa usufruir dos recursos investidos, assim como planejamento.

Este foi um primeiro passo por parte da CBG, mas ainda insuficiente tendo em vista o tamanho do país e suas reais necessidades, ou seja, os CTs para GAF ainda são escassos no Brasil. Tal fato pode ser observado pelos relatos dos(as) participantes da pesquisa, em que não temos “Locais adequados para o alto rendimento” (P1), há “Falta de material adequado para a prática da GAF em todo País” (P4), temos “poucos centros de treinamento” (P7), “Baixíssimo investimento em equipamentos na maioria dos centros de treinamento de ginástica

artística, com raríssimas exceções” (P9), “Poucos centros de treinamentos com equipamentos oficiais e centrados somente em alguns estados” (P11) e “Falta de investimentos em infraestrutura. Temos menos de 10 bons ginásios [públicos e privados] em um país tão grande territorialmente” (P13).

Foram observadas ações da CBG em parceria com o COB e ME de criação de CTs regionais, tendo em vista as grandes dimensões do Brasil que vão ao encontro da literatura da área.

Para que uma rede dessas instituições seja possível em países com grandes dimensões, a alternativa é a configuração de centros locais, regionais e nacionais, além da formação de parcerias com organizações públicas (prefeituras e estados), instituições educacionais (geralmente universidades, grandes clubes e Forças armadas)²⁸ (p. 208).

Entretanto,

[...] é essencial que existam modelos concretos com relação à tipologia desses centros. Essas instalações devem ter uma estrutura correspondente ao seu público-alvo: especificações esportivas internacionais; serviços de apoio técnico-científico; estrutura hoteleira e social de qualidade. Também devem ter um modelo de gestão no qual esteja claro o papel de cada centro, incluindo seus objetivos (desenvolvimento ou preparação de atletas) e sua abrangência (nacional, regional, local)²⁸ (p. 208).

Dados esses que não foram observados para as instalações esportivas de alto rendimento da GAF brasileira, o que também pode ter se dado pela limitação de acesso a essas informações e/ou informações insuficientes divulgadas.

No entanto, temos uma exceção, que é o caso do Centro Nacional de treinamento da modalidade gerenciado pelo COB e inaugurado em 2015, o CT Time Brasil na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. O Centro de Treinamento Time Brasil possui uma estrutura de ponta para o esporte de alto rendimento brasileiro e atualmente conta com três instalações:

i. Centro de Treinamento de Ginástica Artística (CTGA)

Composto por Ginásio de Treinamento, Sala de Fisioterapia e Massoterapia, Refeitório, Vestiários e Sala de Treinadores.

ii. Laboratório Olímpico (LO)

Composto por Sala de Biomecânica, Salas da Fisiologia: Sala Testes Neuromuscular Isocinéticos, Sala de Medidas Antropométricas e Sala de Testes Cardiopulmonares, Sala de Gestão do Conhecimento, Sala de avaliação clínica, Sala de Coleta de Material Biológico, Sala de Preparação Mental, Salas da Bioquímica: Laboratório, Câmara Fria, Sala Escura e Espectrometria de Massa, Sala da Análise de Desempenho, Salas de Reuniões e Vestiários.

iii. Parque Aquático Maria Lenk (PAML)

Composto por Sala de Força e Condicionamento, Sala de Treinamento Funcional, Sala de Esportes de Combate I e II, Sala Médica, Sala de Fisioterapia, Sala de Massoterapia, Ginásio Seco de Saltos Ornamentais, Piscina Olímpica, Piscina de Aquecimento Olímpica, Piscina de Saltos Ornamentais Olímpica, Sala de Pronto Atendimento, Salas de Descanso, Sala de Estudos, Vestiários, Copa, Sala de Reunião e Auditório⁴⁵ (p. 2).

Este CT possui padrões internacionais da modalidade com tecnologia de ponta da GA, com equipamentos modernos, sala de estudo, médica e de fisioterapia, sendo o único CT climatizado do Brasil e que conta com equipamentos de análise de imagens^{46,47}. Ponto que é percebido como positivo, ponto forte do país para o desenvolvimento da modalidade, por alguns participantes como o P8 “Alguns CT bem estruturados”, o P2 “Alguns polos com estrutura física de ponta para atender às demandas do alto rendimento. Mesmo que sejam poucos, esses centros de treinamentos possuem estrutura de ponta para atender as atletas da seleção brasileira” e o P17 “Centro de treinamento” (QUADRO 2).

No *website* do COB, responsável pela gestão, administração e manutenção deste CT, temos acesso a todas informações referentes a estas instalações, além de um documento com todos os procedimentos necessários para solicitação e utilização dos serviços e instalações do CT “Procedimento para solicitação de serviços e utilização das instalações do centro de treinamento Time Brasil”⁴⁷. Esta divulgação das informações é essencial para planos e ações estratégicas em prol da modalidade e deveriam ser mandatórias para todas as instalações vinculadas ao COB, Ministério do Esporte, Federações nacionais e Federações estaduais.

Apesar da ótima estrutura do CT nacional

da modalidade e de seus critérios de utilização, observamos que, em sua maioria, ginastas são beneficiadas apenas quando atingem a seleção brasileira da modalidade. Ademais, ginastas do estado do Rio de Janeiro são beneficiadas com contato constante com o CT pela proximidade e facilidade. Há necessidade de planejamento de mais CTs deste padrão em outras localidades do país, como no estado de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul que apresentam tradição na modalidade e também abastecem a GAF no Brasil²³.

O Brasil por ter sediado nos últimos anos importantes eventos esportivos (Jogos Sul-Americanos - 2002, Jogos Pan-americanos - 2007, Jogos Mundiais Militares - 2011, Copa do Mundo de Futebol - 2014 e Jogos Olímpicos de verão - 2016) teria um cenário propício para instalações esportivas para o alto rendimento, que certamente levou a expectativas de maior quantidade e melhor qualidade dessas instalações esportivas no país²⁸. No entanto, como apontado pelo(a) P6 tivemos “Falta de aproveitamento do Legado Olímpico, Estrutura e material” para a modalidade no país, sendo seu maior legado o CT Time Brasil, fato que corrobora a pesquisa de DE BOSSCHER e colaboradores¹³ de que falta um planejamento estratégico nacional sobre os usos das instalações esportivas para o alto rendimento no país.

Ademais, não podemos deixar de mencionar a importância e a predominância de instalações de organização não governamentais no Brasil²⁸ e apontada como um ponto forte do país para a modalidade pelo(a) P24 “Estrutura do clube”. Apesar da representatividade de instituições públicas da GA brasileira apontada por LIMA²², BORTOLETO e SCHIAVON³³ enfatizam que a GA ainda se desenvolve por estrutura clubística apesar do aumento da participação pública, ou seja, as instalações esportivas e suporte privado ainda auxiliam no suporte da modalidade no Brasil e que também devem ser analisados.

Por fim, nos referimos ao indicador 6.3 - “CBG, Federações e clubes receberem recursos para renovar e construir instalações esportivas para a GAF de participação e de alto rendimento” (TABELA 1), em que no decorrer da discussão aqui presente nos leva a certas considerações. Observamos que temos certo suporte financeiro e a própria legislação brasileira permite essa utilização de recursos em instalações esportivas^{26,28}. No Brasil há diversas fontes de financiamento para essa vertente (Lei Agnelo/Piva, Lei de Incentivo, Convênios), disponíveis

inclusive para a CBG e para a GAF, por se tratar de um esporte olímpico. Contudo, novamente a falta de planejamento estratégico apropriado levam à utilização não efetiva destes recursos.

Concluindo, existe não só um fundo, mas, também, diferentes opções para financiamento de construção ou renovação de instalações esportivas de treinamento. Todavia, a não obrigatoriedade de investimento nesse tipo de estrutura, a falta de um plano nacional bem estruturado e algumas lacunas e falhas quanto à destinação dos recursos levam a consideração de que o(s) fundo(s) existente(s) é(são) ineficaz(es) em se tratando de instalações esportivas e centros de treinamento no país²⁸ (p. 212).

Como considerações finais, observamos que apesar de pouco suporte para as ginastas brasileiras de forma geral (financeiro ou não), estes suportes têm sua importância para o desenvolvimento da modalidade até então e apontam planejamentos e ações para a modalidade por parte da CBG, COB e Ministério do Esporte. Tais suportes representam os primeiros passos, apesar de limitados, em prol da modalidade no país. Todavia, há necessidade de revê-los, melhorá-los e expandi-los, sobretudo levando em consideração as peculiaridades da modalidade em si.

Após a exposição de dados e discussões sobre as instalações esportivas específicas para a GAF no Brasil, apontamos as potencialidades dentro deste pilar no Brasil em relação a GAF, principalmente pautado no Centro de Treinamento Time Brasil, assim como fragilidades e necessidades, na perspectiva de sistematizar e fornecer informações estratégicas para o desenvolvimento da modalidade no Brasil.

O olhar desenvolvido neste artigo parte da visão de uma pesquisa mais ampla sobre os fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da Ginástica Artística Feminina brasileira. Portanto nossa análise considera os passos que já foram dados em contribuição desta direção do sucesso internacional, assim como critica fragilidades como a falta de transparência no desenvolvimento deste pilar nesta modalidade, e ainda aponta necessidades de novos passos em médio e longo prazo para novas gerações de ginastas brasileiras em nível internacional.

Se olharmos para trás, na história recente da Ginástica Artística Feminina brasileira^{22,48,49}, é possível ver que muito já foi feito, avançamos! No entanto, ainda há muito por se fazer, em diferentes contextos/realidades e de diferentes formas, atendendo múltiplas necessidades da GA de um país continental.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa. Para mais, agradecemos os(as) participantes da pesquisa (gestores(as), árbitros(as), pesquisadores(as), treinadores(as) e ginastas) que colaboram para que a mesma fosse possível.

Conflito de interesse

As autoras declaram que não há conflitos de interesse.

Abstract

Sports facilities and equipments for training and competitions in Women's Artistic Gymnastics in Brazil.

Sporting success is a central object in high-performance sport, therefore, maintaining and achieving it becomes relevant for different countries. However, for international sporting success be achieved, a whole strategic process is necessary. Thus, considering the factors that can influence such sporting success, we highlight the role of sports facilities. The importance of infrastructure for Artistic Gymnastics is constantly highlighted, so that athletes have adequate conditions with equipment and various supports, ensuring conditions of safety and progression. In this way, this article aimed to analyze the specific sports facilities for Women's Artistic Gymnastics (WAG) in Brazil, pointing out their potentialities, weaknesses and needs. To this end, a mixed survey of the Multiple Constituents approach was carried out with 26 WAG stakeholders in Brazil using questionnaires. Sports Facilities appeared as one of the most important pillars for the sporting success of the Brazilian WAG, although it was assessed as an aspect that requires attention from the authorities with a view to the future. Despite observing limited support for Brazilian gymnasts regarding infrastructure, these supports represent the first steps, even if limited, in favor of the discipline in the country. There is a need to review, improve and expand them, taking into account the peculiarities and needs of the modality itself, in terms of quantity, quality, location, transparency, access and level of practice in each region of the country.

KEYWORDS: Gymnastics; Gymnasiums; Infrastructure; Equipments.

Referências

1. Digel H, Burk V, Fahrner M. High-performance sport: an international comparison. Tübingen: Bräuer; 2006.
2. Marques RFR, Almeida MAB, Gutierrez GL. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*. 2007;13(3):225-242.
3. Bento JO. Desporto: discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física Unicamp; 2013.
4. Galatti LR, Paes RR, Collet C, Seoane AM. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência*. 2018;22(3):115-127.
5. Dowling M, Brown P, Legg D, Beacom A. Living with imperfect comparisons: the challenges and limitations of comparative paralympic sport policy research. *Sport Management Rev*. 2018;21(1):101-113.
6. Green M, Houlihan B. *Elite Sport Development: Policy Learning and Political Priorities*. 1. ed. New York: Routledge; 2005.
7. Bergsgard NA, Houlihan B, Mansget P, Nodland SI, Rommetveldt H. *Sport Policy: a comparative analysis of stability and change*. London: Elsevier; 2007.

8. Houlihan B, Green M. Comparative elite sport development: systems, structures and public policy. London: Elsevier; 2008.
9. Bosscher DV, Knop DP, Bottenburg MV, Shibli S. A conceptual framework for analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. *European Sport Management Quarterly*. 2006;6(2):185-215.
10. Truysen J, Bosscher DV, Heyndels B, Westerbeek H. A resource-based perspective on countries' competitive advantage in elite athletics. In *J Sport Policy Politics*. 2014;6(3):459-489.
11. Bosscher DV, Knop DP, Bottenburg MV, Shibli S, Bingham J. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Rev*. 2009;10(2):111-131.
12. Bosscher DV, Shibli S, Westerbeek H, Bottenburg MV. Convergence and divergence of elite sport policies: is there a one-size-fits-all model to develop international sporting success? *J Global Sport Management*. 2016;1(3-4):70-89.
13. Bosscher DV, Shibli S, Westerbeek H, Bottenburg VM. Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations. Maidenhead: Meyer & Meyer Sport; 2015.
14. Nogueira MDGR, Bojikian LP, Santos ALP, Maielo VP. Supote para atletas e pós-carreira. In: Böhme MTS, Bastos FC. *Esporte de alto rendimento: fatores de sucesso, gestão e identificação de talentos*. São Paulo: Phorte; 2016. p. 174-196.
15. Still C. *Manual de Ginastia artística femenina*. Barcelona: Editorial Paidotribo; 1993.
16. Smoleuskiy V, Gaverdouskiy I. *Tratado general de gimnasia artística deportiva*. Barcelona: Paidotribo; 1996.
17. Arkaev LI, Suchilin NG. *How to create champions: the theory and methodology of training top-class gymnasts*. Oxford: Meyer & Meyer; 2004.
18. Schiavon LM, Paes RR. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). *Motriz*. 2012;18(4):757-769.
19. Bortoleto MAC. The impact of elastic technologies on Artistic Gymnastics: a special case study from Brazil. In: Jemni M. *The Science of Gymnastics: advanced concepts*. 2. ed. Londres, Nova Iorque: Routledge; 2018. p. 266-277.
20. Marconi MA, Lakatos EM. *Técnicas de Pesquisa*. 5a ed. São Paulo: Atlas; 2002.
21. Connolly T, Conlon EJ, Deutsch SJ. Organizational effectiveness: a multiple constituency approach. *Acad Management Rev*. 1980;5(2):211-217.
22. Lima LBQ. Representatividade da Ginástica Artística Feminina paulista no cenário brasileiro (2011-2014) [dissertação]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; 2016.
23. Lima LBQ, Bortoleto MAC, Nunomura M, Schiavon LM. A representatividade da Ginástica Artística Feminina paulista no contexto brasileiro (2011-2019). *Rev Bras Ciênc Mov*. 2022;30(3):1-19.
24. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2010.
25. Reis E. *Estatística Descritiva*. 7. ed. Lisboa: Edições Sílabo; 2008.
26. Lima LBQ. Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da Ginástica Artística Feminina brasileira [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2020.
27. Bosscher DV, Shibli S, Westerbeek H, Bottenburg VM. Resultados preliminares: conquistar medalhas no esporte internacional é apenas questão de dinheiro? Uma comparação internacional em 15 países In: Böhme MTS, Bastos FC. *Esporte de alto rendimento: fatores de sucesso, gestão e identificação de talentos*. São Paulo: Phorte; 2016. p. 319-331.
28. Mazzei LC, Amaral CMS. Estruturas para treinamento e competições (instalações esportivas). In: Böhme MTS, Bastos FC. *Esporte de alto rendimento: fatores de sucesso, gestão e identificação de talentos*. São Paulo: Phorte; 2016. p. 197-215.
29. Portal da Transparência. Confederação Brasileira de Ginástica: Relatório de atividades. 2019. Disponível em: <https://transparenciaconf.cob.org.br/cbg/relatorio-de-atividades/>.
30. Nunomura M, Oliveira MS. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. *Motriz*. 2012;18(2):297-391.
31. Schiavon LM, Paes RR, Toledo E, Deutsch S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2013;27(3):423-436.
32. Oliveira MS. O panorama da Ginástica Artística Masculina Brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008 [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2010.
33. Bortoleto MAC, Schiavon LM. "Pequena notável": ensaio sociológico sobre a Ginástica Artística brasileira. In: Giglio SS, Amaral SCF, Ribeiro OCF, Bortoleto MAC. *Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos*. São Paulo: Intermeios; 2018. p. 81-104.
34. Carvalho S. *O discurso midiático da Ginástica Artística* [dissertação]. Brasília (DF): Universidade Católica de Brasília; 2007.
35. Império B. Sergipana, nova presidente leva sede da CBG para Aracaju. 2009. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas/2009/02/13/ult803u825.jhtm>.
36. Poffo F. Técnica da equipe feminina de ginástica lamenta fim da seleção permanente. 2009. Disponível em: <http://>

- globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL1348553-16317,00-TECNICA+DA+EQUIPE+FEM ININA+DE+GINASTICA+LAMENTA+FIM+DA+SELECAO+PERMANENTE.html.
37. Oliveira MS, Bortoleto MAC. A Ginástica Artística Masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). *Motriz*. 2009;15(2):297-309.
38. Ministério do Esporte. Notícias: CBG adquire aparelhos importados para renovar estrutura da ginástica nacional. 2014. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/fique-por-dentro/67-lista-fique-por-dentro/47726-convenio-cbg-adquire-aparelhos-importados-para-renovar-estrutura-da-ginastica-nacional>.
39. Garcia D, Valente R. Ginástica teve equipamentos jogados em galpão, pagamentos duplicados e despesas fantasmas. 2017. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/662128_ginastica-teve-equipamentos-jogados-em-galpao-pagamentos-duplicados-e-despesas-fantasmas.
40. Confederação Brasileira de Ginástica. Ginástica Artística: resultados; 2019. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/ginastica-artistica>.
41. Lima LBQ, Murbach MA, Ferreira MDTO, Schiavon LM. Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2017;31(10):1-13.
42. Silva RAF. Mapeamento das condições de desenvolvimento da Ginástica Artística na cidade de Curitiba/PR [monografia]. Curitiba (PR): Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba; 2018.
43. Lopes P, Nunomura M. Motivação para a prática e a permanência na ginástica artísticas de alto nível. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2007;21(1):177-187.
44. Controladoria Geral da União. Relatório de fiscalização. 2016. Disponível em: <https://auditoria.cgu.gov.br/download/8945.pdf>.
45. Comitê Olímpico do Brasil. Procedimento para solicitação de serviços e utilização das Instalações do centro de treinamento time Brasil. 2019. Disponível em: <https://extranet.cob.org.br/CMS/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=5476>.
46. Comitê Olímpico do Brasil. Notícias: COB inaugura centro de treinamento time brasil de Ginástica Artística. 2015. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/Noticia/cob-inaugura-ct-time-brasil-de-ginastica-artistica>.
47. Comitê Olímpico do Brasil. Time Brasil: Centro de Treinamento Time Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/centro-de-treinamento>.
48. Oliveira MS. A microcultura de um ginásio de treinamento de Ginástica Artística Feminina de alto rendimento [tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2014.
49. Schiavon LM. Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980- 2004) [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2009.

ENDEREÇO

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima
Departamento de Educação Física
Universidade Federal do Paraná
Rua Coração de Maria, 92 - BR 116 - km 95
80215-370 - Curitiba - PR - Brasil
E-mail: leticia_queiroz@hotmail.com

Submetido: 25/08/2023

Revisado: 31/10/2023

Aceito: 10/11/2023